



Todos nós precisamos de água para viver

A água é a fonte de toda e qualquer forma de vida no planeta. Partindo desse princípio e do mau uso que a sociedade faz desse recurso natural é que a Campanha da Fraternidade decidiu como tema este ano *Água, fonte de vida*.

A campanha é promovida pela Conferência Nacional dos Bispos

do Brasil (CNBB) e quer ser um alerta para que a sociedade preste mais atenção ao destino dado ao mais importante líquido encontrado na natureza.

Como resultado concreto da campanha foi criada a Defensoria da Água, dedicada a defender a população carente e desinformada

no exercício de um dos seus mais elementares direitos: o acesso à água.

“É um passo muito importante em busca de uma justiça mais humana e saudável”, disse Alexandre Camanho de Assis, Procurador da República e membro da Defensoria.

Usando bem, ninguém fica sem

O Brasil possui a maior porcentagem de água doce disponível no planeta, cerca de 20%. Toda essa abundância de água potável faz com que os brasileiros sejam campeões do desperdício.

Lavar calçadas e carros com mangueira, tomar banhos de chuveiro demorados, fazer a barba, escovar os dentes e lavar a louça com a torneira aberta, lavar roupas todos os dias, entre outros hábitos,

leva o consumidor a utilizar cerca de 180 litros de água todo dia quando o recomendável é que o consumo seja de 100 litros por pessoa ao dia.

Essa cultura do desperdício e a falta de investimentos na área de recursos hídricos estão levando as grandes metrópoles brasileiras ao colapso no abastecimento. O resultado iminente disso é o racionamento.

Ficar sem água na torneira é

um transtorno que pode e deve ser evitado. A única maneira de se fazer isso é usar racionalmente a água. Troque a mangueira pela vassoura, utilize a máquina de lavar roupas e louças somente quando estiverem em sua capacidade máxima, abra a torneira somente o necessário e regule sua descarga. Faça o controle do relógio e observe se não existe nenhum vazamento no abastecimento de sua casa.

Água no planeta

97% oceanos

3% potável

70% Geleiras
29% Subterrâneas
1% Rios e lagos

20% No Brasil

Quanto se gasta de água em casa



• Escovar os dentes em cinco minutos com a torneira não muito aberta gasta cerca de 13 litros de água. No entanto, se você molhar a escova e fechar a torneira enquanto escova os dentes, a economia chega até 11 litros! Isso pode ser multiplicado pelo número de pessoas na casa e depois de 30 dias você terá uma idéia do tamanho da economia no seu bolso.



• Banho de chuveiro por 15 minutos gasta em média 45 litros de água. Se fechar o registro enquanto se ensaboa e diminuir o tempo de banho para cinco minutos o consumo cai para 15 litros.



• Lavar a louça com a torneira da pia meio aberta durante 15 minutos gasta uma média de 117 litros de água.

Aprenda algumas medidas para reduzir o consumo:

1) Limpe os restos de comida dos pratos e panelas com uma escova e jogue no lixo.

2) Coloque água na cuba até a me-

tade para ensaboar. Depois, feche a torneira.

3) Depois de toda a louça ensaboada, esvazie a cuba e troque-a por água limpa para o enxágüe.

• A máquina de lavar roupas com capacidade para cinco quilos consome cerca de 135 litros de água.

• A máquina de lavar louças com capacidade para 44 utensílios e 40 talheres (para 6 pessoas) gasta cerca de 40 litros. Para economizar, só

as utilize em sua capacidade máxima.

• Já lavar a roupa no tanque com a torneira meio aberta por 15 minutos consome mais de 279 litros de água! Por isso o ideal é acumular a roupa, colocar água no tanque para ensaboar e depois colocar água para enxaguar.

E porque não utilizar esta água do enxágüe da roupa para lavar o carro e o quintal?

Comprometendo o meio ambiente

Devido ao crescimento populacional o consumo de água no mundo triplicou de 1950 para cá e a falta de tratamento de esgoto faz com que, de cada mil litros de água utilizada pelo homem surjam dez mil litros de água poluída, segundo dados da ONU (Organização das Nações Unidas). No Brasil, mais de 90% dos esgotos domésticos e cerca de 70% dos afluentes industriais não são tratados e acabam nos rios, mares e lagos.

(fonte: Sabesp e Universidade da Água)

INFORME-SE



Jornal do Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos do ABC - Ano 2 - Junho de 2004 - Nº 6

MOVA Ribeirão monta sala para pessoas com distúrbios mentais



O projeto é pioneiro e funciona no Centro de Recuperação Terapêutica. Mostra que, além de educar, o trabalho realizado pelos educadores colabora no tratamento das pessoas. Páginas 4 e 5.

Aluna do MOVA exibe com orgulho suas primeiras letras

Leia também nesta edição

Institucional

Encontro Nacional será em Mato Grosso do Sul

Página 6

Parceria

Uni-A e MOVA Santo André formam educadores.

Página 6

Personagem

De educanda a educadora, dona Maria Lina se prepara para enfrentar o vestibular.

Página 7

Educando

Água. Saiba como usar, sem desperdício.

Página 8

O MOVA ABC

Realizamos neste ano nosso 4º Seminário Regional. Ao reafirmar a ação do MOVA enquanto alfabetização para a cidadania, enfatizamos a perspectiva do trabalho, considerando que a educação de jovens e adultos está inserida no contexto de desemprego e necessária qualificação profissional. Abordamos o valor do trabalho, de todo e qualquer trabalho, sua desvalorização ou não valorização pela sociedade em que vivemos.

O 4º Seminário também decidiu pela criação de um Banco de Depoimentos, no qual cada participante na região poderá contar como o MOVA transformou ou faz parte de sua vida. As educadoras e educadores do movimento orientarão nos procedimentos.

Concluimos pela necessária ampliação do MOVA, aguardando os encaminhamentos do projeto enviado ao Governo Federal para parceria com o Programa Brasil Alfabetizado. Por parte da iniciativa privada enviamos projeto para a Petrobras, visando à alfabetização na linguagem informática e estamos nos preparativos de outro projeto junto ao Conselho Nacional do Sesi para futura parceria.

Neste mês de junho estaremos participando do 4º MOVA Brasil, levando nossas experiências e propostas. Acreditamos dessa forma poder contribuir para a construção de uma política de educação de jovens e adultos, onde a alfabetização está inserida de forma crítica dentro da realidade social histórica em que vivemos.

Histórias

Nesta edição contamos duas histórias de conquistas. De dona Maria Lina, ex-aluna e hoje educadora, e da experiência do MOVA de Ribeirão Pires sobre alfabetização de portadores de distúrbios mentais.

Tenham uma boa leitura e reflexão!

Barulhada para divulgar o MOVA em Diadema e Mauá

A exemplo da mobilização feita pelos educadores do MOVA/Diadema em fevereiro para promover o movimento de alfabetização no município, os educadores em Mauá realizaram em março uma “barulhada” no centro da cidade, na ligação entre as plataformas de trem e ônibus.

O objetivo desses eventos é divulgar o trabalho de alfabetização realizado nos municípios e buscar novos alunos. O barulho em Mauá teve ajuda de uma banda da região que entreteve as pessoas tocando MPB, enquanto os 120 voluntários mais os monitores da Escola Aberta, explicavam para as pessoas sobre o movimento de alfabetização e cadastravam aqueles que tinham interesse em participar das aulas, além de distribuírem folhetos explicativos.

Em quatro horas de barulho foram cadastradas 258 pessoas, en-



Agente aborda moradoras de Mauá para falar do MOVA

tre jovens e adultos. “Essa foi a primeira grande barulhada que fizemos; a ideia, agora, é repetir a divulgação nos bairros mais populosos de Mauá”, explica Luzia Fagundes, coordenadora do MOVA

no município. Diadema pretende instalar este ano 150 salas de aula e colocar mais alunos nas já existentes, por isso encara a mobilização nas ruas como a melhor maneira de ocupar as carteiras vazias.

Educadores trazem alunos

O MOVA/Mauá definiu uma nova estratégia na hora de inscrever os interessados na formação de educadores do movimento. Para evitar que os alunos capacitados esqueçam da importância da alfabetização no combate à exclusão social, quem tiver interesse em par-

ticipar do MOVA/Mauá como educador tem de se inscrever com pelo menos oito cadastros de futuros alunos.

A última turma de educadores, formada no fim de março, contou com 64 pessoas.

“Esperamos que esse número

se transforme em, pelo menos, 50 novas salas de aula”, torce Luzia Fagundes, coordenadora do MOVA Mauá. Segundo ela, essa foi uma maneira que a coordenação pedagógica da cidade encontrou para aproveitar melhor os educadores formados.

Fale com o MOVA

Santo André	Ana Maria ou Nívea - 4438-2423
São Bernardo	Marcia Rita - 4332-8088
Diadema	Elisabete Marques - 4072-7007
Mauá	Luzia Fagundes - 4555-1536
Ribeirão Pires	Vania Padovani - 4828-9700
R. G. da Serra	Valéria ou Alexandra - 4820-1907
Asses. Regional	Luiz Soares - 4128-4200

Educador e educando:

Mandem suas sugestões para o Informe-se.

Este jornal é seu!

Publicação do Movimento de Alfabetização Regional do ABC

Coordenação Regional: Tarcísio Secoli Redação: Rua João Basso, 231 - Centro - São Bernardo CEP: 09721-100 - Fone: 4128-4200 - Fax: 4127-6794 Site: <http://www.smabc.org.br/mova> - E-mail: movaabc@smabc.org.br Reportagem e textos: Paula Nunes. Edição: Sílvio Berengani, Imprensa do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC. - Fotos: Raquel Camargo. Projeto Gráfico, Diagramação e Fotolito: Interarte Comunicação Ltda. - Fone: 4127-4888. Impressão: Gráfica e Editora FG - Fone: 4127-4888 - Tiragem: 10.000

Nunca é tarde para aprender. Nem para ensinar

Ela chegou ao MOVA pela filha que precisava ser alfabetizada. Hoje, é educadora.

Dona Maria Lina bem que tentou estudar. Nasceu em Guanambi, no estado da Bahia e lá não teve como ir à escola. “Existia apenas uma escola feita de madeira e a professora ia dar aulas de charrete. Mesmo assim, nem eu nem meus irmãos tínhamos tempo para estudar”, lembra.

Com 10 anos conseguiu ir pela primeira vez à escola, mas cursou as aulas somente até os 13 anos. Depois, teve de abandoná-la para continuar ajudando os pais no trabalho. Acreditou que nunca mais teria chance de estudar. Felizmente, dona Maria Lina se enganou. Entrou no MOVA como aluna. Hoje é educadora e se prepara para o vestibular.

O ingresso

A filha mais velha de dona Maria, com Síndrome de Dow, frequentou a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAIE) dos 7 aos 14 anos, só que não foi alfabetizada no período.

Então dona Maria Lina procurou um núcleo de MOVA em Diadema e levou a filha. Gostou tanto do resultado da alfabetização da filha que, com 62 anos, resolveu também cursar e frequentou as aulas por dois anos. De lá partiu de volta à escola.

Quando ingressou na quinta série do ensino fundamental não havia vagas para as aulas noturnas, destinadas aos jovens e adultos, o que a fez frequentar às aulas no período da tarde, com colegas de sala na faixa dos 11 aos 16 anos de idade. Ficou assustada, pensou que fosse ser discriminada. “Me deu um medo, mas não podia desistir. Meu filho pediu para que não desistisse. Acabou sendo melhor do que eu esperava, fazíamos trabalho em grupo e todos nos dávamos bem”, conta.

Na série seguinte conseguiu vaga no curso noturno e assim con-



A educadora Maria Lina auxilia aluna em suas primeiras palavras

cluiu o ensino fundamental.

Hoje faz supletivo e até o fim do semestre termina o ensino médio. O que já seria uma grande vitória para muita gente, para dona Maria Lina é pouco. Seu desejo é fazer psicologia e sua atração por

essa profissão foi motivada pela igreja que frequenta em Diadema. Católica, dona Maria Lina visita os fiéis para levar um pouco de conforto e palavras divinas.

Sente neles a necessidade de ter alguém com quem desabafar e

compartilhar os problemas do dia-a-dia.

“Quero fazer psicologia para conseguir atender melhor essas pessoas e poder ajudá-las da melhor maneira possível a resolver seus problemas”, diz.

Estudar para ajudar

O estudo fez dona Maria Lina descobrir que conhecimento pode ser aplicado no auxílio ao próximo e, partindo desse princípio, ela resolveu dividir o que sabe.

No início do ano se matriculou e concluiu o curso de formação de educadores de Diadema. “Fui fazer o curso para aprender coisas que não sabia. Sem ele não teria como dar aula. Aprender como ensinar”.

Assim que se formou abriu um núcleo do MOVA no bairro Serraria e, de aluna, tornou-se professora. As aulas iniciaram em 5

de abril com apenas cinco alunos. Hoje já são 12, dois deles que ingressaram no núcleo graças à faixa do MOVA pendurada na entrada da ETE Lauro Gomes, onde fica a sala de aula. “O papel do professor não é impor coisas aos alunos, mas dividir o que se sabe. Eles aprendem comigo e eu aprendo com eles”, conta.

Entusiasmo das alunas

Pelo entusiasmo de dona Saturnina, senhora de 75 anos que frequenta as aulas, todo o esforço dá resultados. Ela mostra feliz o caderno em que escreveu pela primeira vez o nome completo:

Saturnina Rodrigues Ferreira. “Vim da roça, não tenho vergonha de dizer. Ainda não consigo ler o nome dos ônibus, mas já escrevo meu nome”, conta sorrindo.

Maria Aparecida Beata, a *Cidinha*, amiga de igreja de dona Maria Lina, é uma das alunas mais assíduas. Nunca faltou e estuda com afinco. “Tudo que eu quero é aprender muito mais. Sei ler, mas não sei escrever. Agora estou aprendendo”, conta, folheando o livro emprestado pela professora que ela levará para casa para estudar no fim de semana.

MOVA Santo André e Uni-A fazem parceria para formação universitária

O Centro Universitário de Santo André – Uni-A e a Prefeitura de Santo André assinaram parceria em abril com o objetivo de proporcionar aumento de escolaridade aos educadores do MOVA que queiram se graduar em nível superior.

A Uni-A proporcionará um desconto de 60% no valor da mensalidade do curso normal e a Prefeitura faz uma complementação na ajuda de custo ao educador.

O curso Normal Superior tem duração de dois anos e possui as características de magistério, só que em nível universitário, atendendo a decisão do MEC. Isto porque os professores das redes públicas e particulares precisam de graduação em nível superior.

Qualidade

Outra novidade é que as aulas que atenderão os educadores terá seu currículo disciplinar focado na alfabetização e educação de jovens e adultos, capacitando-os ainda mais para o trabalho.

Para o diretor do Departamento de Educação ao Trabalhador de Santo André, Antonio Balbino, a

possibilidade dos educadores cursarem a universidade acarretará numa melhora da qualidade das aulas ministradas, beneficiando os alunos do MOVA. “Estamos com 70 educadores matriculados no curso e a expectativa é que este número se amplie para o próximo ano”, declarou.

Esse é um passo importante no trabalho pedagógico realizado pelo movimento de alfabetização e demonstra quanto as instituições privadas podem colaborar com os projetos sociais.

“A conjunção entre o poder público, iniciativa privada e entidades da sociedade civil são imprescindíveis para o sucesso dos projetos educacionais”, declarou a secretária de educação de Santo André, Cleuza Rodrigues Repulho, na assinatura da parceria.

Expansão

Segundo o prefeito João Avamileno essa é uma importante oportunidade dos educadores melhorarem seu conhecimento e aprimorar seus currículos. “A melhoria da capacitação profissional é essencial, assim como a necessidade de



O prefeito João Avamileno assina parceria com a Uni-A

todos os dias as pessoas se qualificarem e buscarem um maior nível de escolaridade para não serem excluídas do mercado de trabalho”.

Da concepção do projeto de parceria, idealizado pela Secretaria de Educação e coordenadoria do MOVA, até sua conclusão, passou

um ano de negociações e debates. “Por enquanto atendemos apenas ao MOVA de Santo André, mas estamos abertos a novas negociações com as outras cidades da região” declarou Lineia de Cássia Dias Vezzo, diretora da área de Ciências Humanas da UniA.

Mato Grosso do Sul sediará 4º Encontro Nacional

O 4º MOVA Brasil será realizado entre os dias 9 e 11 de junho na cidade de Campo Grande, Mato Grosso do Sul (MS). O tema principal será *MOVA Brasil na Política Pública de Educação de Jovens e Adultos (EJA)*, destacando como objetivos específicos o papel do poder público no financiamento do MOVA Brasil.

Também vai trocar experiências e fortalecer as práticas pedagógicas, resgatar os princípios norteadores do movimento, reafirmar a necessidade de continuidade na EJA, fortalecendo a educação

popular e defender o MOVA Brasil enquanto política pública de EJA.

“Queremos que o aluno que sai do MOVA seja inserido na escola pública. O problema é que em muitas regiões do Brasil, não temos escola para a formação de jovens e adultos. Acre, Pará e Mato Grosso do Sul, por exemplo, não têm escolas para essa parcela da população”, afirma Cilena Pina Pinto, coordenadora do MOVA em MS.

O encontro abordará também a importância das parcerias entre sociedade civil, poder público e instituições privadas para a ampliação

do movimento.

No Brasil existem cerca de 65 milhões de pessoas jovens e adultas com baixa escolaridade, excluídas de um direito básico que é o acesso à escola. Com base nessa realidade o MOVA vem promovendo uma ação alfabetizadora popular, que visa mais do que a decodificação da escrita.

Na verdade, o Movimento pauta sua ação na alfabetização para a cidadania, com a formação de pessoas críticas e participantes ativas na sociedade em seus mais diversos aspectos.

A cidade

Campo Grande é uma cidade de médio porte, com cerca de 700 mil habitantes. Os alojamentos serão cedidos pela Igreja Católica e o SESI, além de parcerias com hotéis e pousadas da cidade para pacotes de hospedagem com desconto. O encontro espera ter a participação de 600 pessoas, entre coordenadores, educadores e educandos. A Universidade Federal de MS cederá o espaço universitário para a realização do evento e as principais refeições também serão servidas no restaurante da universidade.

4º Encontro Regional

Evoluir no processo de alfabetização

O MOVA ABC realizou seu 4º Seminário Regional para discutir como evoluir no processo de alfabetização e trocar experiências do trabalho de cada cidade. A abertura do evento contou com a participação da prefeita de Ribeirão Pires e Presidenta do Consórcio Intermunicipal, Maria Inês Soares; o prefeito de Mauá, Oswaldo Dias; os vice-prefeitos de Diadema e Mauá, Joel Fonseca e Marcio Chaves Pires; os secretários de educação das cidades de Santo André, Cleusa Repulho; Diadema, Carlos Carmelo; Mauá, Lairce Rodrigues; Rio Grande da Serra, Anita Ramos e Ribeirão Pires, Maria de Lourdes Oliveira. O tema discutido este ano foi *Educação e Trabalho: A Alfabetização Hoje de Jovens a Adultos*.

Falar de trabalho dentro de um movimento que visa educação é o reflexo da situação da empregabilidade do país. Com os altos índices de desemprego e a exigência do ensino fundamental completo na maioria dos anúncios de emprego, as pessoas buscam o instrução nos movimentos de alfabetização. A temática trabalho será abordada em sala de aula como parte do proces-

so de alfabetização, valorizando a diversidade de profissões existentes e a importância de cada uma delas.

Desafio

Cerca de 4% da população jovem e adulta da região não é alfabetizada. A tarefa do MOVA é conseguir que este índice chegue próximo a zero. Para isso é importante que a comunidade venha fazer parte desse movimento e que o poder público dê condições às pessoas que foram alfabetizadas conseguirem continuar os estudos, frequentando as salas de aula destinadas aos jovens e adultos de cada município.

Acesso e oportunidade

Para o prefeito de Mauá, Oswaldo Dias, “alfabetizar é construir cidadania. O acesso à escola é fundamental, todo mundo tem de ter essa oportunidade. Educar é mostrar o caminho e caminhar junto”, enfatizou.

Todas as cidades da região estão com projetos em pauta para abertura de salas de informática e profissionalizantes, a exemplo da



Plenária do 4º Encontro no Teatro Municipal de Mauá. No destaque Sebastião Lopes

que existe em Santo André, que ensina técnicas de cabeleireiro a profissionais do sexo para que estes tenham uma profissão.

A idéia é utilizar a mesma metodologia aplicada no processo de alfabetização em outros cursos profissionalizantes.

A secretária de Educação de Mauá, Lairce Rodrigues, declarou

que o MOVA cumpre seu papel no resgate da cidadania daqueles que não puderam estudar.

Para ela, o crescimento do movimento a cada ano é uma prova de que com vontade e dedicação é possível reverter o quadro de analfabetismo no Grande ABC e melhorar os índices de desemprego.

União faz o MOVA crescer

As salas de aula do MOVA são organizadas em casas, empresas, sindicatos, escolas municipais de educação infantil e de ensino fundamental, nas escolas públicas estaduais, nas igrejas, em centros sociais, associações de amigos de bairro, asilos, centros de convivência, ou qualquer outro lugar que comporte algumas mesas, cadeiras e uma lousa.

Desde a implantação do movimento de alfabetização em 1995 na cidade de Diadema até sua ampliação com a assinatura do acordo regional em 1997, o número de salas de aula só cresceu, possibilitando que cada vez mais pessoas tivessem acesso ao mundo das letras e ao

direito de exercer plenamente sua cidadania. No total, o MOVA ABC conta com mais de 445 salas de aula e mais de 65 mil pessoas alfabetizadas. Este número só tende a crescer com a união das cidades em torno de um projeto que ultrapasse as barreiras de seus municípios. “O importante é que a sociedade civil e as entidades privadas apoiem o movimento junto ao poder público”, explicou a Prefeita de Ribeirão Pires, Maria Inês Soares.

OSCIP

O MOVA Regional está constituído como OSCIP – Organização da Sociedade Civil de Interesse Público – englobando seis cidades da região (Santo André, São Bernardo do Campo, Diadema,

Mauá, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra) e através dela foi encaminhado no fim do mês de abril uma proposta para que o movimento de alfabetização seja incluído no programa do Governo Federal “Brasil Alfabetizado”. Este projeto foi encaminhado ao Ministro da Educação Tarso Genro e a estimativa é que até o fim do mês de junho o MOVA Regional tenha a resposta definitiva do ministério. Caso seja incluído no projeto Brasil Alfabetizado, o trabalho desenvolvido na região irá duplicar não só o número de salas como também a quantidade de pessoas atendidas.

Definições

O Seminário também serviu para definir algumas metas a serem

seguidas em cada cidade. Um dos pontos fundamentais será a reativação dos fóruns em cada município, proporcionando a união e troca de idéias e entre as coordenadorias pedagógicas, as secretarias de educação, os educadores e os parceiros. Das seis cidades da região apenas Santo André mantém ativo um fórum com esses propósitos. A ampliação de parcerias com o setor privado é meta a ser seguida.

O encerramento do evento contou com a participação das Mulheres de Eldorado que animaram o Teatro Municipal de Mauá recitando poesias de cunho feminista e cantando canções populares brasileiras.

Educar, tratar e incluir

A idéia de montar um núcleo do MOVA num centro de recuperação terapêutica causa estranhamento à primeira vista. Como alfabetizar pessoas que sofrem de doenças mentais? O pessoal de Ribeirão Pires aceitou o desafio.

A pedagogia utilizada deve contar com apoio e instrução de profissionais de saúde que possuam familiaridade e técnica na relação com essas pessoas.

A maior dificuldade enfrentada no projeto, que por enquanto só atende mulheres, é saber como as alunas irão reagir às atividades propostas em sala de aula.

Uma característica do doente mental é que ele vive de pequenos momentos. A oscilação de humor e bem-estar é constante. “A educadora, assim como os demais profissionais de saúde que atendem essas mulheres, devem estar atentos às mudanças de temperamento.

E, com certeza, existirão momentos em que as alunas deverão ser afastadas do núcleo nas crises da doença,” esclarece o Dr. José Carlos de Arruda, psiquiatra res-



Sala de aula em Centro de Recuperação de Ribeirão Pires é pioneiro na região

ponsável pelas residências de recuperação de Ribeirão Pires.

Para avaliar a situação terapêutica das alunas durante o processo educacional, uma reunião é realizada toda sexta-feira com a participação dos profissionais de saúde responsáveis e a educadora do

núcleo.

Outra providência é organizar uma série de palestras sobre doenças mentais, como os sintomas se apresentam e, principalmente, que medidas tomar em caso de surtos psiquiátricos.

“São informações importantes

para quem quer trabalhar com doentes mentais e as educadoras devem estar cientes das características de suas alunas”, explica Davilson Roberto Beber, presidente do Centro de Recuperação Terapêutica Pérola da Serra e um dos idealizadores do projeto.



Reunião entre os profissionais da saúde, educadores e alunas

Participe e colabore com o MOVA!

Para participar dos núcleos de MOVA espalhados pelas seis cidades da região entre em contato com as coordenadoras de cada município que elas lhe indicarão a sala de aula mais próxima de sua residência.

Para colaborar com o MOVA, empresas, igrejas, sindicatos, movimentos populares, associações de bairro e entidades não-governamentais podem ado-

tar salas (contribuindo para sua implantação ou manutenção); assumir a ajuda de custo de um ou mais educadores; ceder espaços para as salas de aula; divulgar o movimento; doar material escolar ou estabelecer uma parceria.

Entre em contato com a coordenadora do MOVA ABC (telefones no quadro na página 2) e solicite apresentação do Projeto de Alfabetização.

Interação social, sadia e cidadã

A característica do MOVA, de agrupar pessoas com conhecimentos diferentes para que haja troca e conhecimento ampliado de todos, é fundamental para a obtenção de resultados positivos. Mas no caso dos centros terapêuticos isso pode gerar dificuldades. Muitas vezes, em função da doença, algumas pessoas se isolam e não ocorre a interação necessária. O grande desafio da educadora é vencer esta realidade.

Por isso deve ter muito jogo de cintura na hora de preparar suas aulas, para que ninguém se sintam excluída no processo educacional.

Muito mais do que ler e escrever, o trabalho do MOVA den-

tro desses centros é fazer com que as pacientes consigam interagir com a sociedade de maneira sadia e cidadã.

Mariana Duarte Padovani, educadora do núcleo, acredita no potencial dessas mulheres e ministra as aulas com carinho e competência.

Primeiro foi conhecer suas futuras alunas, para que elas se familiarizassem com sua presença dentro das residências. Só depois de conquistar a confiança delas é que iniciou o trabalho educacional. As aulas começaram no início de outubro do ano passado e atende 15 pacientes de três centros terapêuticos no bairro Vila Suíça.



A educadora Mariana Padovani, preocupação em combinar educação e interação social das educandas do Centro de Recuperação Terapêutica

As mudanças já são visíveis

A sala de aula no Centro de Recuperação Terapêutica de Ribeirão Pires é espaçosa e colorida. As próprias alunas cuidam para que ela esteja sempre arrumada. Frequentar as aulas já é a atividade preferida delas.

O fato de irem assistir as aulas por conta própria já é uma grande vitória na visão da educadora. “No começo, algumas diziam que não precisavam estudar e agora adoram fazer as atividades”, diz Mariana.

Para ela, os resultados desse trabalho superam as expectativas. “Elas se comunicam melhor, estão mais amáveis, mais sociáveis, estão se entrosando umas com as outras, aprendendo como é importante trabalhar em equipe, algo impensável quando cheguei aqui”, conta.

Conscientização

Além de educá-las nas letras, Mariana faz todo um trabalho de

conscientização de hábitos a serem seguidos para uma melhor convivência em grupo. Ensina a importância dos centros terapêuticos, sem bitucas de cigarro espalhadas pelo chão, para que tratem seus pertencentes com carinho e ajudem nos afazeres diários para manter as residências em ordem.

Também trabalha a auto-estima dessas mulheres mostrando-lhes a importância de estarem sempre limpas, cuidarem dos dentes, das

roupas. Esse trabalho é tão importante para a educadora que ainda no fim de abril elas passarão a ir, uma vez por mês ao cabeleireiro para fazer as unhas, cortar o cabelo, fazer escova. “Quero que elas tenham consciência de si”, diz Mariana.

Em busca da cidadania

Com resultados tão positivos, o próximo passo é começar a para começar a levar as educandas do Centro de Recuperação para aulas fora de sala. A proposta é que elas conheçam a cidade em que vivem, as festas típicas do município, o meio ambiente que as cercam. “Isso é importante para que elas se sintam cidadãs, se socializem novamente”, diz.

A principal preocupação da educadora nessas saídas em grupo é que as pessoas possam reagir de maneira preconceituosa em relação às alunas. “Quando fomos ao mini-zoológico da cidade, as pessoas apontavam para elas e faziam comentários de mau gosto. Elas ficam muito tristes porque sabem que estão falando delas”, conta.

Vencer as barreiras do preconceito e do isolamento em que vi-

vem essas mulheres é a tarefa desse núcleo do MOVA. Todos os profissionais que participam desse projeto sabem disso e pretendem não só conseguir fazê-las ter uma melhor qualidade de vida, mas também estender esse projeto a outros pacientes e mostrar que um trabalho interdisciplinar feito com seriedade e dedicação é capaz de mudar a realidade de muitas pessoas.